

Da cana de açúcar ao Fogo Morto: “O Engenho de Zé Lins”

Zoé Maria de Oliveira Fracarolli

“A obra de José Lins do Rego é mais, muito mais do que um documento sociológico; é qualquer coisa de vivo, porque o seu criador lhe deu o próprio sangue, encheu-a dos seus gracejos e tristezas, risos e lágrimas, conversas, doenças, barulhos, disparates e da sua grande sabedoria literária. Deu-lhe o hálito da vida. Essa obra não morre tão cedo. É eternamente jovem, como o povo; é eternamente triste, como o povo. É o trovador trágico da província.” (Otto Maria Carpeaux)

A cana de açúcar é uma planta da família das Gramíneas, pertencente à espécie *Saccharum officinarum*, proveniente da Índia. Dela se extraem açúcar, aguardente e álcool etílico (etanol).

O açúcar já era refinado desde tempos remotos pelos persas e foi introduzido na Europa pelos árabes, nas regiões mediterrâneas da Espanha e posteriormente em Andaluzia e na Itália (Sicília).

A palavra açúcar, em português, é de origem árabe, provavelmente vinda do persa. A palavra açúcar teria vindo do sânscrito e quer dizer grão de areia. A cana de açúcar teve um largo movimento. Proveniente da Índia, atingiu a Pérsia e dali foi levada para a Europa pelos conquistadores árabes. Os portugueses introduziram-na nas ilhas do Atlântico: Cabo Verde, Açores e São Tomé. Nestas ilhas teria havido um verdadeiro ensaio do que viria a acontecer no Brasil Colônia, pois lá foi plantada a cana de açúcar nos mesmos moldes do que foi feito no Brasil.

O açúcar era usado como remédio, era caríssimo e só muito depois da sua introdução na Europa se tornará popular; um produto de consumo das massas. Não se sabe ao certo quando ele foi introduzido no Brasil, mas já em 1516 havia um alvará do rei D. Manuel para que se fornecessem os meios necessários para a construção de um engenho de açúcar. Em Pernambuco, um capitão português de nome Pero Capico exportou açúcar, de um engenho brasileiro, em 1521.

Na realidade a indústria açucareira se instala no Brasil com a chegada de Martim Afonso de Sousa, em 1530. Ele traz mudas de cana de açúcar e constrói um engenho, associado a seu irmão e alguns investidores europeus. Ainda no século xvi são instalados engenhos em Pernambuco, na Bahia e no estado do Rio de Janeiro. Era uma indústria complexa para a época, demandava uma grande extensão de terra, aparelhos de cobre ou ferro fundido e alguns trabalhadores especializados como o mestre de açúcar, que conhecia o “ponto”, ou seja, quando o produto estava pronto.

Havia várias fases na produção de açúcar: a moagem da cana para a obtenção do caldo (garapa); cocção do caldo em grandes fornalhas e a solidificação. Para branquear usava-se uma lama.

O engenho deveria ser apenas o lugar de produção do açúcar, mas com o tempo o termo passou a designar o conjunto formado pela casa-grande, a senzala, a plantação, a casa da moenda, onde a cana era moída, a casa da fornalha, onde ficavam as “tachas” para a cocção da garapa, a casa de purgar, onde se completava a purificação do produto que agora será guardado em caixas para secar (pão de açúcar) e então pronto para ser comercializado. Bangüê: padiola para o transporte do bagaço da cana após a moagem, e que será levada para a bagaceira.

Bagaceira: lugar onde fica o bagaço da cana para secar e depois ser usada como combustível para as fornalhas. Os engenhos foram os primeiros centros de colonização e urbanização da Colônia e situavam-se nas faixas litorâneas do Nordeste brasileiro. Lá o clima, a posição geográfica e a relativa facilidade de escoamento do produto para as nações importadoras da Europa propiciaram a instalação dos primeiros engenhos

A moagem era executada por força hidráulica ou tração animal. Engenhos movidos a água por seu maior tamanho e produtividade ficaram conhecidos como engenho real. O açúcar brasileiro era conhecido como barreado, pois ele era branqueado com lama.

Inicialmente os engenhos eram financiados por bancos europeus, inclusive os bancos da própria metrópole, uma vez que não havia bancos no Brasil. Com o tempo, o financiamento para a instalação de um engenho provinha de entidades beneficentes.

Senhores de engenho e escravos. Em 1638 os escravos africanos e afro-brasileiros constituíam cem por cento da força de trabalho na Bahia. O negócio da cana trazia riscos. Dependia da oscilação dos preços na Europa, de uma boa administração e de controle da massa escrava.

Senhores de engenho eram famílias de origem nobre ou com altos cargos na administração portuguesa, imigrantes com posses, comerciantes que se dedicavam ao comércio e à produção; bem poucos fidalgos ou católicos de longa data. Com os casamentos endogâmicos formaram uma classe mais homogênea.

A cana de açúcar continua a ter importância até hoje e mesmo durante o ciclo do ouro o seu peso na balança comercial brasileira foi muito grande e até maior do que o peso do ouro legalmente exportado.

JOSÉ LINS DO REGO

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu no engenho Corredor, município do Pilar, na Paraíba, aos 3 de junho de 1901. Aos 9 meses morreu-lhe a mãe e ele será cuidado pela tia Maria. Aos 8 anos a sua tia falece (1909). Seria uma segunda orfandade. Ele, nesse ano, é matriculado no Internato Nossa Senhora do Carmo, onde estuda por 3 anos, em Itabaiana.. Em 1912 transfere-se para o Colégio Diocesano Pio X dos Irmãos Maristas, na Paraíba, hoje João Pessoa.

Em 1915 muda-se para o Recife e aí estuda no Instituto Carneiro Leão e depois no Ginásio Pernambucano. Em 1919, aos 17 anos, inicia o seu curso de Direito em Recife. Já nesta época havia publicado vários artigos em jornais e chega a assinar uma coluna num periódico recifense.

Forma-se bacharel em Direito em 1923. No Recife conhece Gilberto Freire que terá grande influência na sua formação e na sua literatura.

Casa-se com Filomena Massa e é designado promotor em Minas Gerais. Lá permanece por 1 ano, entre 1925 e 1926..

Muda-se para Maceió, Alagoas, onde viverá por 9 anos e fará amizades permanentes com Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, Aurélio Buarque de Holanda, e outros. Nessa cidade publica seus 3 primeiros livros: Menino de engenho, Doidinho e Bangüê.

Posteriormente, muda-se para o Rio de Janeiro onde ficará até a sua morte em 12 de setembro de 1957.

Escreveu 12 romances, livros de viagem, de memórias, crônicas, ensaios...

O chamado “ciclo da cana de açúcar” constitui-se de um conjunto de 6 livros, independentes entre si, mas mantendo os nomes das personagens e a continuação de suas histórias. São eles: Menino de Engenho; Doidinho; O Moleque Ricardo; Bangüê; Usina; Fogo Morto. Este último seria um resumo, uma síntese do ciclo todo e, em geral, não é incluído no ciclo.

“MENINO DE ENGENHO” é o seu 1º livro, uma edição financiada por ele mesmo, que sai em 1932 e é saudado com grande entusiasmo pela crítica e é um sucesso absoluto e com ele o seu autor ganha o seu 1º prêmio literário.

Nesse livro ele conta a infância de Carlos de Melo, cuja mãe fora assassinada pelo pai, sem nenhuma razão. Ele vai para o engenho de seu avô, coronel José Paulino, senhor de engenho, patriarca da família, que nascera no século XIX, assistira à abolição da escravidão, à proclamação da República. É um homem rude, de grande bondade e poderia ser considerado o símbolo do patriarca que dominou o Brasil ao longo dos séculos. Senhor e dono das terras e das gentes que a habitavam.

Carlos era um menino solitário, que cresce sem o afeto da família, ao deus-dará, sem peias nem limites. Perpassa o livro uma tristeza derivada da solidão e incomunicabilidade. Aliás, essas sensações são percebidas na maioria dos livros de Zé Lins. As suas descrições do engenho são visuais auditivas, olfativas táteis. Impressionantes são as descrições de uma cheia do Paraíba e de um incêndio no canavial, em que se sente a coragem do homem em sua luta contra os elementos e os acidentes. A ternura pela mãe e a saudade dela estão sempre presentes e é tocante o fato de a figura da mãe não coincidir com as fotos dela. Os moradores do engenho estão permanentemente rodeando o herói.

Aos 12 anos Carlos vai para um colégio interno, para ser “reformado”, pois nessa tenra idade já havia contraído a “doença do mundo”, ou seja, gonorréia. E a exibia com evidente orgulho - “menino perdido menino de engenho”

Embora haja algum contato entre a vida do autor e de Carlos, o primeiro declara que este não é um livro autobiográfico. José Lins confessa que apenas Doidinho é autobiográfico, sendo todos os demais livros com caracteres baseados em pessoas que ele conheceu, mas a maior parte de suas histórias é ficcional.

Para Fábio Prado, este é um livro em que o autor vai em busca e encontra o tempo perdido; para ele o autor de Menino de Engenho é o Proust brasileiro.

BANGÜÊ : é a continuação da história de Carlos de Melo, o menino de engenho.

Carlos volta ao Santa Rosa depois de 10 anos de afastamento. Morria de saudades do engenho. Pois só vinha a ele para passar as férias. Formou-se em Direito. É um homem ligado ao passado, mesmo o que não pertencia à sua vida; idealiza-o, transforma os seus

ascendentes em heróis imbatíveis, de forte personalidade, capazes de gerir, com perfeição, os engenhos e, talvez, o mundo. São industriosos e capazes.

Ele, Carlos, para quê daria?

Bangüê é uma palavra africana com vários significados: padiola para levar cadáveres; calha por onde escorre o caldo da cana quando ferve; padiola para levar o bagaço da cana para a bagaceira. Por extensão seria o engenho todo. Talvez um engenho de 2ª classe.

Na 1ª parte Carlos delinea a figura idealizada de seu avô, o coronel José Paulino, senhor do engenho Santa Rosa, e que comprara, ao longo do tempo, vários outros engenhos na sua “fome latifundiária”. Está com 86 anos de idade e já não tem o vigor de antigamente; não consegue mais administrar o engenho, que já não produz a mesma quantidade de pães de açúcar, embora haja o suficiente para viverem bem.

Carlos, com a sua “macunaímica” vontade de não fazer nada, nada faz além de ler os jornais e balançar-se na rede o tempo todo. Rapidamente o coronel percebe que não haverá ninguém para “tocar” o engenho. Por fim ele só quer alguém da família na hora de sua morte.

Surge Maria Alice, Há um novo alento. Ela cuida do velho. Apaixona-se por Carlos, a quem incentiva e dá-lhe, talvez, uma razão para viver e vontade de trabalhar. Quando ela volta para o marido, o mundo de Carlos vem abaixo. Ele fica alucinado, chora pelos cantos, tem ataques e muda-se, temporariamente, para o engenho da Gameleira, de propriedade de seu tio Lourenço, irmão do coronel José Paulino.

Morre o coronel José Paulino. Carlos herda o Santa Rosa. Ele é incapaz de administrar o engenho. Tudo vai mal e ele sempre pensa em Maria Alice. Não consegue a lealdade dos “cabras”, não sabe fazer os cabras trabalhar. O mato cresce. O gado emagrece. A produção de açúcar é muito pequena e não dará para pagar as dívidas contraídas por Carlos. Por outro lado, um dos seus foreiros, Zé Marreira, um negro que, com muito trabalho e economia e competência, será elevado a senhor de engenho, tinha uma linda plantação nas terras de Carlos. Para este tudo vai mal e um incêndio, provavelmente criminoso, destrói o canavial. É o fim do Santa Rosa, que é vendido e se transformará em usina.

O coronel José Paulino tentou, em vão, comprar o Santa Fé do coronel Lula de Holanda. Este está na miséria, mas não vende o engenho. Com a morte do marido, dona Amélia de Holanda vende a propriedade para Zé Marreira, que faz o engenho progredir e torna a safrejar o Santa Fé. Era a substituição da elite branca, incompetente, indolente, infame, pela camada mais humilde da população, cuja capacidade de trabalho, garra e firmeza a guindarão à posição de senhor de engenho. Mas isso raramente acontece.

Novamente as idéias de solidão e incomunicabilidade dominam todas as situações. Carlos dialoga consigo mesmo o tempo todo num comportamento quase esquizofrênico. Tem uma idéia e imediatamente um pensamento oposto. Há uma permanente luta e uma imensa angústia dentro dele que o impedem de tomar uma atitude, de fazer o que é preciso para salvar o Santa Rosa ou de escolher um caminho a percorrer na vida. Leva consigo somente o seu complexo de perseguição e o seu medo de enfrentar os problemas.

É um fracassado e sabe disso. Vai embora deixando os seus mortos sem ter lutado por eles e sem lhes perceber a lealdade e a grandeza da alma.

“FOGO MORTO” é o último livro do ciclo da cana de açúcar. É uma galeria notável de tipos humanos. Considerado por muitos como a obra-prima de Zé Lins. É um livro

acabado e nos toca pela força de suas figuras humanas. São pessoas de carne e osso e representam as várias camadas do povo brasileiro.

Mestre Zé Amaro é casado e tem uma filha que enlouquece e é enviada para um sanatório em Recife. A família mora nas terras do engenho Santa Fé, de propriedade do coronel Lula de Holanda. Embora seja um seleiro caprichoso, mestre Zé Amaro é pobre, tem uma banca na rua e só trabalha para camumbembe. Dizem que ele vira lobisOMEM e sai, à noite, para beber o sangue de suas vítimas. É ranzinza, mal humorado e está sempre “de mal” com o mundo. Sua mulher e sua filha têm-lhe horror, ou mais precisamente, um entranhado sentimento de rancor. A velha Sinhá, esposa do mestre, acaba por abandoná-lo, sob a alegação de que quer ficar mais próxima da filha, no Recife.

O bacharel e coronel Lula de Holanda é de alta estirpe, de família tradicional e de nome limpo. Porém como Carlos de Melo, é incompetente, apático e não sabe administrar um engenho. Herda o Santa Fé do sogro, capitão Tomás que o construíra e expandira. Era um engenho pequeno, mas produtivo, e ele ficara rico com a sua exploração. O genro irá dilapidar os bens de Tomás. Era um religioso fanático, rezava o tempo todo, mas não tem nenhuma piedade dos seres humanos, especialmente dos escravos, a quem maltratava e quase os matava de fome. Com a abolição da escravatura, os ex-escravos não tendo para onde ir permaneciam nas fazendas; todos os escravos do Santa Rosa lá permaneceram. No Santa Fé até as mulheres da cozinha debandaram. A família Holanda vive da venda dos ovos das galinhas de D. Amélia. Se o coronel Lula de Holanda soubesse da decadência total a que chegara - precisa viver da venda de ovos para camumbembes - ele mataria a mulher. Segundo o professor Antônio Cândido essas duas personagens sofrem da “doença de prestígio.”

O capitão Vitorino Carneiro da Cunha é o primo pobre dos senhores de engenho das várzeas do rio Paraíba. Ele é casado com a sinhá Adriana, que era perita na castração de aves. Ambos eram boníssimos e fariam tudo para ajudar o próximo. Entre eles há um respeito humano e o único gesto de ternura e afeto que há nos livros já citados ocorre entre eles depois do suicídio do mestre José Amaro.

O capitão não sente a própria decadência, pois vive no mundo da lua, ajeitando, a seu favor, todas as aventuras em que se mete. Ele se acredita um herói, com a missão de guiar o povo, melhorar a situação do Pilar. Ajuda a tirar o cego Deodato, o negro Zé Passarinho e mestre Zé Amaro da prisão. Ele copia uma petição do juiz para conseguir um hábeas corpus para os seus constituintes. Ele acredita na força da lei e a utilizará para libertar os seus clientes. Enfrenta o bando de cangaceiros, o tenente Maurício, encarregado de eliminar o cangaço do sertão nordestino. Apanha muito dos 2 grupos, fica ferido, mas continua a dizer que ele é o capitão Vitorino Carneiro da Cunha e que com ele ninguém pode. As crianças debochavam dele, mas ao ver que ele contribuía para a soltura dos seus amigos, passam a respeitá-lo e param de chamá-lo de “Papa-rabo”. “Verdadeiro Quixote do sertão”, é um sonhador e crê que poderá melhorar o mundo.

Mestre Amaro também sofre da doença de prestígio, como o coronel Lula de Holanda. Crê que os cangaceiros são os libertadores do povo do sertão. Vão vingar os pobres e humilhados; vão castigar os ricos desonestos, os burocratas de maus bofes e os ladrões do dinheiro público. Ele acredita no capitão Antônio Silvino de uma maneira quase religiosa.

Zé Passarinho é um negro analfabeto. Vive cantando, daí o seu nome. Não tem nada e bebe muito. Com o tempo para de beber e ajuda a velha Sinhá e o mestre, tornando-se

quase indispensável ao casal de velhos. Canta triste, mas é feliz: ele não tem nada mas a terra, os pássaros e as plantas são seus.

O negro Domingos representa a luta pela liberdade. Ele é um escravo do capitão Tomás. Foge 2 vezes do Santa Fé: na 1ª vez ele é recapturado e ao voltar ao engenho leva uma surra medonha. Um bom tempo depois ele foge novamente e é encontrado. Mas agora o capitão Tomás pouco se importa; tem uma filha, Olívia, que enlouquece muito jovem e ele se desespera diante de tudo. É o fim para ele.

As mulheres obedecem, têm pouca ou nenhuma voz ativa; pouco influem na vida do engenho e, em geral, casam-se porque é preciso casar, ou conseguir alguma forma de sobrevivência num mundo quase que exclusivamente masculino. Dona Amélia tem uma educação refinada; fala francês e toca piano. Casou-se com o coronel Lula de Holanda porque o amava. São felizes nos primeiros tempos, mas aos poucos percebe a crueldade do marido, seu orgulho e sua incompetência. No final, tem-lhe medo e horror, especialmente quando ocorrem os ataques de epilepsia. Sua mãe, ao ver a inaptidão do genro para tocar o engenho, vai, ela própria, administrá-lo, o que faz com razoável sucesso.

Coronel Lula de Holanda: Luís César de Holanda Chacon sofre, de acordo com o professor Antônio Cândido, da doença do prestígio. Ele é um elemento decadente, sem vontade, sem capacidade de trabalhar ou de gerir o engenho que lhe veio de mão beijada com o casamento. Está sempre de terno e gravata, mesmo dentro de casa e sem visitas. Tem um cabriolé com campainha, luzes e que chama a atenção de todos. Na igreja só se ajoelha em almofadas de seda e sua mulher e sua filha só saem com os dedos cobertos de anéis. É necessário que todos conheçam a sua grandeza. Não se mete em política porque tem um nome limpo e não vai deixar que o emporcalhem.

“PEDRA BONITA”. Dá-lhe o autor um certo toque de tragédia grega. Seria possível comparar a história de Bentinho com a história trágica de Édipo.(Sófocles)

O Açú é um ovo. É uma vila desimportante, sem recursos e sem qualquer possibilidade de melhorar. O Araticum e a Pedra Bonita fazem parte da vila. Para o pessoal do Açú, todo o mal era originário da Pedra Bonita. Em 1837 houve o massacre da população de Pedra Bonita, a qual era dominada por um fanático religioso que dizia ser necessário o sangue das crianças para vivificar a terra e a lagoa. Esta se transformaria em ouro, não haveria mais ricos ou pobres: seriam todos iguais. Além disso, o chefe religioso precisaria fecundar todas as virgens do local para que Deus fizesse o milagre de transformar a água em ouro e a terra dividida entre todos. Era necessário morrer para que o milagre acontecesse.

Evidentemente o milagre não acontece pois as mães das crianças mortas não paravam de chorar. É a hora de matá-las, pois elas não compreendiam a “grandeza” do sacrifício. Um elemento da família Vieira, vendo que matavam a mulher que ele queria, foge e avisa a polícia e volta com ela para mostrar o local exato onde os fanáticos se encontram. A força policial mata todos os fanáticos e o povo do Açú passa a ter um ódio de morte ao pessoal de Pedra Bonita e a acusá-los pela pasmaceira da vila. Este ódio é totalmente correspondido pelo povo de Pedra Bonita. Diziam os sobreviventes do massacre que a família Vieira pagaria por esse crime nefando. Há portanto uma maldição em cima da família, semelhante à situação de Édipo.

Quase 70 anos se passaram. Essa história continua a passar de boca em boca e o ódio entre as duas partes da vila continua. Os Vieira são os donos do Araticum. É um lugar que tem água corrente quase em qualquer estação do ano, mas os seus donos não progridem.

Bento, o pai, não procura aumentar o número de suas cabeças de gado e nem aumentar o seu roçado. A mãe, dona Josefina, é louca pelos filhos e procura ajudá-los no que pode. O pai não conversa com ninguém, não tem amigos e, ao que parece, nem afeto por nenhum dos filhos. Ele só se preocupa com um bode manso que lhe come nas mãos.

Na seca de 1904, o sítio deve ser abandonado, pois não há água sequer para beber, o gado emagrece e morre, as plantas, na maioria, não resistem à secura. Na hora de voltar para a casa, que a seca se acabou, o filho mais velho, Deodato, vai para o Amazonas; Domício e Aparício voltam com os pais para o Araticum, e a mãe decide deixar o filho mais jovem, Antonio Bento, com o padre do Açú, para que o eduque e, se possível, o torne padre. Seria talvez a forma de livrá-lo da maldição que os persegue.

Bentinho cresce no Açú, é um bom menino, mas todos o odeiam e o discriminam na vila. É vítima de injustiças e até de perseguições. Numa volta à casa dos pais, ele conhece melhor os seus irmãos, passa a gostar deles; não são mais uns estranhos para ele. Aparício entra para o cangaço, depois de ter matado um cabra na feira. Domício vai embora da casa dos pais pois a volante o prende, bate nele; e agora ele sabe que nunca mais vai ter sossego, que a polícia virá atrás dele todas as vezes que os cangaceiros, agora liderados por Aparício, fizerem algum ataque nos engenhos ou nas vilas. Ele será sempre castigado só por ser o irmão de um cangaceiro.

Os pais de Bento são presos, apanham, voltam ao Araticum e depois fogem para a Pedra Bonita, onde novamente há um filho de Deus a fazer milagres, a dessedentar-se com o sangue das crianças e o hímen das virgens. Ele espera conseguir o milagre que o fanático do século anterior não conseguira.

Padre Amâncio está à morte e quer que Bento vá providenciar-lhe um confessor. Bento sabe que os habitantes do Açú vão atacar a Pedra Bonita, matar os seus habitantes. A família de Bento está lá. Ele pega o cavalo e vai buscar um padre para o seu padrinho. Chega a uma encruzilhada: de um lado o caminho para o confessor e do outro a Pedra Bonita onde os seus pais podem ser massacrados. Ele se decide: vai cumprir o seu destino... É um povo tão deserdado, tão despossuído que só pode se refugiar na loucura e na morte; na loucura do misticismo fanático ou do cangaço e ambos levarão à morte.

BIBLIOGRAFIA:

Enciclopédia Mirador Internacional, vol 2 - Açúcar - p.93-97. Encyclopedica Britannica do Brasil Ltda. São Paulo/Rio de Janeiro, 1986

Coutinho, Eduardo, A. Ângela B. de Castro org., Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1990

Fausto, Boris, História do Brasil. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 12ª edição, 1994

Rego, José Lins do, "Cangaceiros". Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 12ª edição, 2007

Rego, José Lins do, "Fogo Morto". Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1972.

Rego, José Lins do, "Bangüê". Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 22ª edição, 2007

Rego, José Lins do, "Pedra Bonita". Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 12ª edição, 1992

Rego, José Lins do, "Menino de Engenho". Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 61ª, 1994

Rego, José Lins do, "Histórias da Velha Totônia". Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 1994